

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ZILDA LOPES DINIS RUFINO

O COTIDIANO ESCOLAR E A AGRESSIVIDADE

AMERICANA

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ZILDA LOPES DINIS RUFINO

O COTIDIANO ESCOLAR E A AGRESSIVIDADE

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para a conclusão da licenciatura em Pedagogia.

AMERICANA

2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Rufino, Zilda Lopes Dinis

R839c O cotidiano escolar e a agressividade : memorial de formação / Zilda
Lopes Dinis Rufino. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de
vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual
de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-586-BFE

A todos os educadores que buscam uma solução
para o problema da violência nas escolas.

AGRADECIMENTOS

- A meu esposo pela compreensão e apoio;
 - Em especial ao meu filho pela compreensão com minha ausência;
 - Às colegas da classe pelo carinho e amizade.
- À todas as pessoas que passaram pela minha vida, e que de alguma forma contribuíram para meu crescimento pessoal.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
1. ACONTECEU COMIGO	03
2. EU, EM DIFERENTES CONTEXTOS ESCOLARES	09
3. CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

APRESENTAÇÃO

Ao fazer esse memorial tive a oportunidade de rever, refletir e avaliar minha prática na sala de aula, também enquanto filha, aluna, cidadã e mãe.

Estarei escrevendo fatos de minha vida escolar e pessoal, e como mãe relatarei meus sentimentos e posicionamento ao saber que meu filho sofreu agressão física e emocional na Escola. Após esse fato, ao refletir e conversar com amigas professoras sobre a agressividade no Cotidiano Escolar, me foi indicado o livro da Cleo Fante, Fenômeno de Bullyng.

Ao usá-lo como minha principal fonte de pesquisa, descobri que, nem toda violência é Bullyng, mas que todo Bullyng é violência e sendo assim, causa grandes transtornos na formação e sofrimento psíquico nas pessoas envolvidas, seja como vítima ou agressora. Quero esclarecer que não tratarei do conceito de violência e agressividade, apesar de achar que seria muito interessante, e enriquecedor fazer essa pesquisa.

Mergulharei em minhas memórias e escreverei o modo de viver e pensar de minha família e as dificuldades financeiras e ideológicas para conseguir estudar dentro da comunidade que vivíamos.

No decorrer do texto farei relações de como o projeto pedagógico, equipe gestora, comunidade escolar contribuem ou não, no combate a violência no cotidiano escolar.

também farei relações de minhas experiências em diferentes contextos escolares, como (ADI) Auxiliar de Desenvolvimento Infantil, em Americana e Campinas onde trabalhei em uma (CEMEI) por dois anos, e depois em outra (EMEI) onde permaneci por igual período.

Como ADI tive minhas primeiras inquietações e algumas orientações quanto apresentação de comportamentos agressivos de crianças na maioria menores de três anos.

Como professora de Educação Infantil em uma CEMEI com crianças entre cinco e seis anos, tive muitos problemas de indisciplina e agressividade não conseguia posicionar-me de forma adequada frente a esses conflitos devido a minha pouca experiência, insegurança e constante mudança de equipe gestora, professores e funcionários.

Na EMEI encontrei uma equipe forte que já estava na escola há algum tempo.

Um clima mais tranqüilo me levou a refletir e pesquisar a fim de entender os motivos da agressividade e como deve ser a postura da comunidade escolar e principalmente do professor frente a esses problemas.

Escreverei sobre o meu crescimento pessoal e profissional frente a violência, agressividade, indisciplina dentro da comunidade escolar e a responsabilidade do poder público e de cada um de nós frente a esses possíveis conflitos.

1. ACONTECEU COMIGO

No dia 06/05 ao chegar do trabalho, meu marido muito nervoso relatou-me antes de chegarmos em casa, que nosso filho havia sido agredido na escola por um coleginha e que ninguém na escola havia comunicado nada a respeito para minha irmã que cuida dele enquanto estamos no trabalho. Chegando em casa constatei com muita indignação que ele estava triste e com escoriações na testa, nariz e boca.

Meu filho tem sete anos de idade, começou a freqüentar a creche com cinco meses, saiu aos três anos para freqüentar a EMEI. Dezembro de 2004 foram seus últimos dias na Educação Infantil. Em 2005 ele iniciou o 2º ano do 1º ciclo (1ª série) em uma nova escola de Ensino Fundamental, sem conhecer ninguém, pois havíamos mudado de bairro, e foi lá que ele e nós, família, passamos por essa situação desconfortável revoltante e para mim, tanto que resolvi fazer meu memorial enfocando essa dinâmica que acontece nas escolas diariamente entre todas as pessoas envolvidas: direção, equipe de apoio (cozinha, limpeza, guarda, inspetora), famílias, comunidades, principalmente na relação entre os alunos e a equipe escolar.

Comecei a pesquisar sobre a violência e postura da equipe escolar, mas não encontrava nada que viesse ao encontro ao que eu pensava em escrever, foi aí que conversando com uma amiga, ela falou-me sobre o livro da Cleo Fante, sobre Bullying. Ao começar a ler, achei que não serviria, pois para mim Bullying era diferente de violência, comecei a perceber que tinha tudo a ver a partir dessa definição universal:

“Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s) causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento Bullying”.(FANTE, 2005, p. 28, 29).

Percebi através das leituras que nem toda violência é Bullying, mas que todo Bullying é violência. Fante define dessa forma: “Entretanto, para que o comportamento seja caracterizado Bullying é necessário distinguir os maus tratos ocasionais e não graves, dos maus tratos habituais e graves”.(FANT, 2002, p.49).

Voltando ao meu relato, dormimos mal a noite e no dia seguinte não mandamos nosso filho à escola, pois não queríamos que ele chegasse lá com escoriações no rosto agindo como se nada tivesse acontecido. Meu marido resolveu que iria conversar com a família da criança que havia agredido nosso filho, eu mandei o seguinte bilhete para a professora:

Oi professora,

Dia 08/05/2005, nosso filho chegou em casa com a testa, o nariz e a boca machucados, pois o coleguinha na tentativa de pegar o seu lanche o derrubou, ele disse que as inspetoras colocaram gelo em seus ferimentos, mas ele não disse nada para você, pois sempre que os amigos reclamam de algo que aconteceu no recreio, você responde que isso é para ser resolvido junto aos inspetores. Ressalto também que não é a primeira vez que isso acontece, pois como você sabe, esse menino já pegou o lanche dele dentro da sala de aula outras vezes.

Eu e minha família deixamos claro que não admitimos que o Jhony continue se escondendo e correndo dessa criança todos os dias para não apanhar ou ficar sem seu lanche.

Talvez, você e a equipe escolar pensem: “rotina de escola”, “isso acontece” ou “as crianças precisam aprender a se defender”, eu e minha família achamos esse tipo de pensamento um absurdo, pois sabemos que a violência vai muito além dos muros da escola, porém, o posicionamento de indignação deve começar pelos profissionais da educação, não podemos normalizar a violência, e ficar passando o problema para os inspetores e esses para os professores.

Educamos nosso filho nos princípios de justiça e repúdio a violência, e ele foi ferido nesses princípios dentro da escola, por esse motivo precisamos saber qual o trabalho que a equipe está fazendo para resolver esses problemas, pois acredito que meu filho não é o único a passar por esses transtornos dentro da escola.

Por favor, agende um horário para conversarmos.

Obrigada pela atenção.

Zilda.

Agendamos e meu marido conversou com a diretora, vice-diretora e professora. Meu filho não chegou mais machucado e nem tem reclamado da escola.

Nunca concordei com as agressões entre meus alunos, mas também ainda não havia pensado seriamente a respeito até o momento em que aconteceu com meu filho. Essa carta foi escrita antes de qualquer pesquisa e com meus mais profundos sentimentos, porém, é possível fazer várias referências como livro da Cleo Fante. Tudo isso me levou a rever minha trajetória pessoal que tem a ver com a profissional e com o que penso e sou hoje.

Resumidamente: nasci em 11/02/73 em uma pequena vila em Minas Gerais, sou filha de Manoel e Rosália, pessoas humildes, decentes e muito trabalhadoras, pais de nove filhos, dos quais três vieram a falecer.

No anos de 1980, comecei a cursar a 1ª série do primeiro grau. O nome de minha professora era Vasní, nós a chamávamos de Tia Vasní. Como entrei na escola sem nenhum contato anterior com a leitura e escrita, reprovei esse primeiro ano. Ainda lembro-me do dia da avaliação quando as crianças passavam pelo diretor da escola para ler a lição, que ele escolhia na cartilha, eu não consegui e fui reprovada.

A corrente pedagógica dessa época era tradicional.

“Esse ensino tradicional que ainda predomina hoje nas escolas se constituiu após a Revolução Industrial e se implantou nos chamados Sistemas Nacionais de Ensino, configurando amplas redes oficiais, criadas a partir de meados de Século XIX, no momento em que, consolidado o poder burguês, aciona-se a escola redentora da humanidade, universal, gratuita e obrigatória como um instrumento de consolidação da ordem democrática”.(SAVIANI, 2000, p. 42).

Fui alfabetizada com a cartilha Caminho Suave, ainda lembro que na capa tinha o desenho de uma menina, acho que loira, correndo no meio de uns capins com o vento balançando seus cabelos. Quanto à dinâmica dentro da sala de aula, nós sentávamos em

umas carteiras de madeira pura, já sem pintura, extremamente pesadas, de duas em duas crianças, todos de frente para a lousa e mesa da professora. Meu grande pavor era de ser colocada para sentar com um menino, já que isso só aconteceria em forma de castigo, pois o comum era sentar meninos com meninos e meninas com meninas. As professoras usavam jaleco, a maioria branco com babadinhos. Eu achava lindo, nunca pensei no calor que elas deveriam estar sentindo, se é que sentiam, pois elas demonstravam muito orgulho de suas vestimentas e profissão, andavam pela sala com seus longos saltos. Eu tampava minha lição com as mãos e braços quando elas se aproximavam de minha carteira, pois tinha muita dificuldade nos saberes escolares, meu caderno chegava a furar de tanto que apagava. Eu era muito quieta e não tinha amigos, mas isso não me salvou de sofrer agressões físicas por parte de minha professora da Segunda série. Ela me batia sempre que eu fazia as lições de forma incorreta. É indescritível o sentimento de humilhação pelo qual passei, principalmente por essas agressões acontecer na frente dos colegas de sala. Ainda sinto raiva, mas essas lembranças são para salientar que eu era agredida por não saber a lição, imagina se eu fizesse algo que perturbasse a “paz na escola”. As crianças não se agrediam fisicamente dentro da escola, mas quando se desentendiam diziam: “vou te pegar na saída”. E pegavam do lado de fora do portão da escola, se agrediam com uma grande platéia aplaudindo (de crianças). Nunca vi ninguém da equipe escolar separar uma briga ou falar sobre isso no dia seguinte.

Quero registrar que não eram todos os professores, e nem com todas as crianças, que o recurso da agressão era usado. Na minha vida escolar apenas essa professora se utilizou dessa prática comum da época “para que eu tivesse conhecimentos sistematizados”. Cleo Fant em seu livro fenômeno Bullying faz uma citação de um estudo realizado por Sergio Adorno e citado por Levisky, sobre o autoritarismo da instituição escolar.

“... a memória de uma violência incontida que somente pode resultar em respostas violentas, em um aprendizado que a escola pretende justamente negar e conter. Mais o que qualquer outro espaço institucional, a escola se apresenta a essas crianças e adolescentes como uma espécie de castigo modelar do comportamento. Um castigo que deve ser sofrido com resignação. Não soa poucas as queixas. O aprendizado imposto que nada diz respeito o mundo próximo e conhecido. A

humilhação a que são submetidos pelo não saber, pela ausência de tradição e de frequência escolar na família, pelas origens populares. As provas a que se sujeitam para confirmar que o pertencimento no gênero humano e a recusa de um espetáculo de anti-socialidade. A violência que subjaz as relações sociais e que exclui o diálogo e a compreensão. Autoritárias, essas relações não dissimulam as formas agressivas da preservação da disciplina”.(...) Nesse universo a baixa escolaridade e a invasão escolar, antes de serem características peculiares de jovens e crianças que trilham a delinquência, são o produto de funcionamento do aparelho escolar”. FANTE, 2005, pg. 186.

Na minha vila só havia uma escola e esta era de primeiro grau, assim que as crianças concluíam a oitava série paravam de estudar (a maioria), ou mudavam de cidade para dar continuidade aos estudos. Eu vim para Americana, morar com meus avós, trabalhar e estudar. Da minha família fui a única a fazer isso. Os meus irmãos mais velhos estudaram só até a quarta série, pois meu pai achava que esse era o grau de escolaridade suficiente para interagirmos no mundo.

“Uma grande parte cumpre a escolaridade básica e é introduzida no processo produtivo. Outros avançam no processo de escolarização, mas acabam por interrompê-lo passando a integrar os quadros médios, os “pequenos burgueses de toda espécie”. (ALTHUSEER, s.d. 65. apud SAVIANI, 2000, p.23).

Para meu pai, saber ler, escrever e fazer contas, era o máximo de escolarização necessário para nossa classe social. Eu só continuei porque tive a influência de uma tia que se chama Laura, e sua filha de minha idade que se chama Irene, elas se indagavam com essa possibilidade. Enquanto eu estava adorando parar de estudar ao terminar a quarta série, e ainda dizer: “Meu pai não me deixa estudar mais”, confesso que fiquei triste quando ele disse: “Se você quiser continuar, trabalhe e compre seu material, pois o estudo que eu podia dar para você e seus irmãos eu já dei”.

Diante dessa fala, eu já não tinha mais em quem colocar a culpa por não estudar. E minha prima ainda me emprestou alguns livros!

Na vila, sempre tinha colheita de algodão no início do ano, levantávamos três horas da manhã, pegávamos o caminhão de “bóia fria” (comida fria), como era chamado e íamos para a roça. Com meu dinheiro eu comprava material escolar e pagava dentista.

Aqui em Americana trabalhei em vários empregos, desempenhando diversas funções, mas não era muito feliz em nenhum deles. Foi quando surgiu um concurso para babá de creche na prefeitura local. Prestei, passei e fui chamada. Apesar de cansativo, eu via sentido no trabalho que estava fazendo. Adorei o emprego! Resolvi então fazer o magistério.

Trabalhei sete anos como Auxiliar de Desenvolvimento Infantil em Americana, seis meses como professora em Hortolândia e estou indo para quatro como professora de Educação Infantil na rede municipal de Campinas.

Acredito que a equipe escolar deve se posicionar firmemente diante de comportamentos agressivos de alunos que resolvem seus conflitos do dia-a-dia através de chutes, tapas, empurrões e palavras desagradáveis, pois os professores sozinhos diante desse tipo de comportamento, quase nada podem fazer para ajudar as crianças que estão causando esses transtornos, ou defender, proteger as demais que tem seus direitos arranhados frente a esses tipos de situações.

2. EU, EM DIFERENTES CONTEXTOS ESCOLARES

Iniciei meu trabalho na educação infantil no ano de 1992. De acordo com a LDB:

“A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social complementando a ação da família e da comunidade”.
(LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.)

Na creche trabalhei com crianças de quatro meses a seis anos de idade, sendo que fiquei mais tempo no berçário do que nos grupos com idade entre quatro e seis anos.

Apesar de nessa época, ainda não possuir conhecimento acadêmico sobre a profissão que estava exercendo, observava que algumas crianças de berçário batiam, puxavam cabelos e mordiam seus colegas com ou sem motivo aparente. No início separava o conflito dizendo para não fazerem aquilo, e ficava angustiada por não saber se essa era a forma correta de agir, hoje compreendo minha preocupação.

Já que para Piaget, as crianças apresentam dificuldades de se situar no papel do outro:

“Em breve, as diversas críticas ao egocentrismo tal como foi postulado por Piaget não levam em conta a ambigüidade desse processo que precisa ser entendido principalmente como uma dificuldade inicial para situar-se fora de sua própria percepção – cognitiva e emocional, a fim de poder acompanhar e situar-se na percepção e no papel do outro, adulto ou criança que seja. Parece óbvio que essa dificuldade, inegável na criança, caracteriza uma faceta essencial da imaturidade em qualquer idade”. (SEMINÉRIO, 1996, p.36).

Procurei ajuda junto à coordenadora da creche e essa me orientou a interferir, dizendo e mostrando carinhosamente:

- Tapas não, carinho pode!
- Mordida não, beijo pode.

Também fui orientada a estimular as crianças a despertarem sua afetividade através de massagens com cremes cheirosos, buchinhas, algodão, ambiente tranquilo, música suave, sempre dando oportunidade de contato físico e amoroso entre as crianças e essas com os adultos e vice-versa; não sei a porcentagem de acertos que essas atitudes alcançaram na resolução do problema, mas sei que tive mais paz interior por estar fazendo algo a respeito da agressividade e por acreditar que esse poderia ser o caminho certo, já que para Vigotsky a relação entre os indivíduos é essencial para que ocorra a aprendizagem:

“Na construção dos processos psicológicos tipicamente humanos, é necessário postular relações interpessoais: a interação do sujeito com o mundo se dá pela mediação feita por outros sujeitos. Do mesmo modo que o desenvolvimento não é um processo espontâneo de maturação, a aprendizagem não é fruto apenas de uma interação entre o indivíduo e o meio. A relação que se dá na aprendizagem é essencial para a própria definição desse processo, que nunca ocorre no indivíduo isolado”. (OLIVEIRA, 1998, p.56).

Pois, atualmente as crianças começam a freqüentar as instituições escolares mais cedo e por esse motivo cabe também aos educadores fazer as mediações necessárias junto às crianças e seus familiares através dos mais diversos tipos de orientação, no sentido de promover a paz nas relações, valorizando o diálogo e abominando as agressões físicas entre as pessoas desde a mais tenra infância.

Quando iniciei na rede municipal de Campinas, no ano de 2002, exercendo o cargo de professora, trabalhando em uma (CEMEI) Centro Municipal de Educação Infantil com oito salas de período integral e seis de parcial, ao todo mais de 500 crianças. Eu tinha 30 alunos de cinco a seis anos (período integral), e fiquei com o mesmo grupo, os dois anos que trabalhei nessa escola e posso dizer que:

Foi uma experiência inesquecível e intrigante, já que esse período marcou o começo de minha carreira devido a minha pouca experiência como professora e início em uma nova rede municipal. Tudo era novidade para mim, eu não conhecia outras escolas da rede, e por isso não tinha como fazer comparações.

Meus alunos, na sua maioria freqüentavam aquela escola desde o berçário, sentiam-se muito à vontade para fazerem o que queriam. Na minha sala tinha seis alunos que já eram amigos de anos anteriores e que sempre apresentaram problemas de indisciplina e violência. Cleo Fante, faz uma distinção entre comportamento violento e as más relações:

“As más relações são problemas mais generalizados, porém menos intensos, que surgem com a indisciplina ou com o mau comportamento dos alunos. Não deixam de perturbar o bom andamento das atividades escolares, entretanto não podem ser consideradas como violência. Os atos de indisciplina são comportamentos que vão contra as normas da escola e estão previstos no Regimento Interno Escolar”. (FANTE, 2005, p.159).

Minha primeira dificuldade foi manter esses alunos dentro da sala de aula, pois eles saíam quando queriam e algumas vezes ficavam do lado de fora, gritando, jogando objetos ou mexendo com os amigos que estavam dentro da sala, outras vezes corriam para bem longe provocando preocupações quanto à sua segurança, ou subiam nos galhos mais altos das árvores e de lá só desciam quando queriam, pois eu não conseguia alcançá-los. Muitas vezes sentia-me frágil e impotente diante deles.

Além da indisciplina algumas crianças apresentavam comportamento violento comigo, com os colegas e os demais funcionários da escola, através de agressões físicas, palavras desagradáveis, etc. Tive dois alunos que quando eram contrariados viravam mesas, cadeiras e tudo mais que estivesse por perto e quem tentasse contê-los também era agredido. Cleo Fante faz uma análise histórica e atual que ajuda a entender esse processo da violência nas escolas:

“Em tempos precedentes, a autoridade era exercida pelo controle absoluto do professor e da hierarquia educacional em geral, produzindo nos alunos um enorme grau de submissão e permitindo, por parte da hierarquia, o emprego de rígidos instrumentos de repressão, inclusive o castigo físico. Atualmente, essa perspectiva vai se desmoronando devido à ineficiência da escola, sendo justificada por diversos fatores, como: excessiva centralização de decisões nos órgãos superiores; falta de funcionários; falta de política salarial eficiente; inviabilização da progressão continuada; falta de infra-estrutura adequada para esportes, atividades extra classes e de lazer; falta de segurança; e ainda por outros aspectos que colaboram para que o trabalho pedagógico se torne cada vez mais deficitário e a escola inviável”. (FANTE, 2005, p.186).

Esta escola era relativamente nova e mudava constantemente de equipe gestora, professores e funcionários sendo que entre uma mudança e outra, ficávamos algum tempo sem equipe de trabalho e o que é pior sem equipe gestora. Libâneo fala sobre a função da equipe gestora:

“No caso da escola, a organização e a gestão referem-se ao conjunto de normas, diretrizes, estrutura organizacional, ações e procedimentos que asseguram a racionalização do uso de recursos humanos, materiais, financeiros e intelectuais assim como a coordenação e o acompanhamento do trabalho das pessoas. Por racionalização do uso de recursos compreende-se a escolha racional de meios compatíveis com os fins visados e a adequada utilização desses recursos, que assegure a melhor realização possível desses fins. Por coordenação e acompanhamento compreendem-se as ações e os procedimentos destinados a reunir, a articular e a integrar as atividades das pessoas que atuam na escola, para alcançar objetivos comuns. Para que essas duas características mais gerais de uma

instituição se efetivem, são postas em ação as funções específicas de planejar, organizar, dirigir e avaliar”. (LIBÂNEO, 2003, p.293).

Quanto aos recursos financeiros faltava quase tudo, brinquedos, materiais escolares, pois boa parte das famílias não tinha condições de comprar muitas vezes até papel higiênico. No primeiro dia de aula havia salas que não tinham mesas e cadeiras para as crianças sentarem, mas logo depois de uma reportagem no “Jornal Regional” da Rede Globo, essas foram providenciadas.

Libâneo também fala sobre a influência da sociedade no funcionamento da escola:

“Com efeito, a escola é instância integrante do todo social, sendo afetada pela estrutura econômica e social, pelas decisões políticas e pelas relações de poder em vigor na sociedade. Assim, as políticas, as diretrizes curriculares, as formas de organização do sistema de ensino estão carregadas de significados sociais e políticos que influenciam fortemente as idéias, as atitudes, os modos de agir e os comportamentos de professores e alunos, bem como as práticas pedagógicas, curriculares e organizacionais. Isso mostra que há uma relação de influência mútua entre a sociedade, o sistema de ensino, a instituição escolar e os sujeitos – ou seja, as políticas e as diretrizes do sistema de ensino podem exercer forte influência e controle na formação das subjetividades de professores e alunos”. (LIBÂNEO, 2003, p.297).

Dentro do espaço escolar, convivemos com o que temos ou não e a falta de recursos levam a discriminação, pois, que dignidade estamos oferecendo a uma criança que vai ao banheiro e não tem papel higiênico e quando sai não encontra sabonete para lavar as mãos? De quem devemos cobrar providências? Das famílias? Da escola? Ou do poder público? Ou será que toda comunidade escolar é responsável?

Libâneo também fala sobre o posicionamento da escola frente a esses questionamentos:

“A qualidade do ensino depende de mudanças no âmbito da organização escolar, envolvendo a estrutura física e as condições de funcionamento, a estrutura e a cultura organizacionais e as relações entre alunos, professores e funcionários. É a escola como um todo que deve responsabilizar-se pela aprendizagem dos alunos, especialmente em face dos problemas sociais, culturais e econômicos que afetam atualmente os estabelecimentos de ensino”. (LIBÂNEO, 2003, p.304).

Acredito que uma equipe gestora eficiente consegue organizar e dirigir estratégias onde os poucos recursos do poder público sejam mais bem aproveitados, além de envolver toda comunidade escolar em atividades onde nossas crianças sejam amadas e respeitadas integralmente.

O bairro onde esta escola se localiza é muito carente, sem asfalto, casas inacabadas a até alguns “barracos” e com alto índice de violência, as crianças contavam fatos terríveis sem demonstrarem muito espanto. Algumas crianças já chegavam na escola pedindo alimentos, pois em casa não tinham o que comer.

Cleo Fante fala sobre os diversos tipos de violência externa a escola, porém que se reflete internamente:

“Os grandes problemas da sociedade atual, como a pobreza e o desemprego, responsáveis pela desigualdade social, favorecem um ambiente de agressividade, delinquência e atitudes anti-sociais. Para Mahatma Gandhi”, a pobreza é a pior forma de violência”. (FANTE, 2005, p.169).

Ela está expressa no quadro da miséria, na má distribuição de renda, nos baixos salários, na exploração dos trabalhadores, nas crianças de rua trabalhando indevidamente – e, muitas vezes, prostituindo-se, drogando-se, traficando, roubando e mendigando –, na falta de condições mínimas para uma vida digna (moradia, alimentação e saneamento básico), na precária assistência em educação saúde”.

Quanto à organização interna no que se refere à forma como trabalhávamos, não dá para dizer que éramos uma equipe, pois não tínhamos uma meta coletiva a ser alcançada. Cada um trabalhava a seu modo dentro da sala com seus alunos e monitores. Tínhamos um grande carinho e respeito entre nós e sempre que possível, nos ajudávamos, porém não conseguíamos ter uma postura comum quanto aos nossos maiores conflitos, como por exemplo, o que fazer quanto à violência, indisciplina falta de materiais, pais agressivos, etc... Era como se esses problemas fossem individuais, a criança com dificuldade era culpa do professor e não da escola. Os materiais e brinquedos que faltavam na minha sala, eu comprava com meu dinheiro e aí meu problema estava resolvido.

Foram dois anos de muitas tentativas de acerto e a certeza de que estava fazendo o melhor que podia, mas que meu melhor não era o suficiente.

Para Cleo Fante a comunidade escolar deve criar estratégias para modificar a realidade escolar:

“Oferecer à comunidade escolar o ensejo de conhecer a sua realidade e, principalmente, propiciar condições para que essa realidade seja modificada é, sobretudo, abrir as portas para a reflexão. Isso fará com que os problemas que ocorram em uma escola sejam humanizados, passando a ser vistos, portanto, como problemas de todos e, como tal, requerendo que todos se empenhem, se envolvam e se comprometam na busca de soluções. Para que os problemas de violência sejam solucionados, não basta defender a vítima e punir o agressor”.(FANTE, 2005, p.105).

Acredito que a equipe gestora, os funcionários e os professores deveriam ter formação continuada a fim de resolverem os conflitos internos de suas unidades de ensino, pois na maioria das vezes esse tempo é usado para discutir propostas externas à escola, preenchimento de papéis, burocracia ou cursos que nada tem a acrescentar, quando muito confirmam o que já sabemos. Seria essencial que todos soubessem qual a postura da equipe escolar frente à violência, indisciplina, Bullying, pais agressivos e outros conflitos que possam surgir, que o problema de um fosse de todos e que todos soubessem quais estratégias de intervenção e prevenção deveria seguir a fim de solucionar, ou amenizar o desconforto que muitas vezes surgem nas relações humanas na escola.

Moro em Americana e trabalho em Campinas, sendo que em agosto de 2003, comecei a fazer o PROESF, na UNICAMP e devido à distância minha vida ficou ainda mais complicada, o que me levou a pedir remoção, para uma escola mais próxima. Iniciei nessa nova escola em fevereiro de 2004, e foi ótimo ter tido a oportunidade de vivenciar essa nova realidade. As comparações, que são inevitáveis, junto com fatos de minha vida pessoal e os conhecimentos adquiridos no curso do PROESF, que me levou a enxergar a educação de todos os ângulos, fizeram com que eu tivesse um amadurecimento profissional muito importante para minha carreira, pois as diversas formas de violência sempre me incomodaram e perturbam a paz na maioria das escolas e na sociedade, são tratadas agora como um problema meu também e que meu trabalho de formiguinha pode fazer a diferença na vida das crianças e isso será refletido na sociedade com toda certeza. Cleo Fante nos mostra que podemos ensinar paz nas relações:

“Entretanto consideramos que os valores que indiscutivelmente nossa sociedade mais clama de nós, com urgência, são a tolerância e a solidariedade. Os documentos da ONU reafirmam frequentemente que a tolerância e a solidariedade são elementos essenciais para a construção da paz. Nesse sentido, se a violência é um comportamento que se aprende nas interações sociais, também existem maneiras de ensinar comportamentos não violentos para que se possa lidar com as frustrações e com a raiva, e ensinar habilidades para que os conflitos interpessoais

possam ser solucionados por meios pacíficos. Portanto, a violência pode ser desaprendida e a tolerância e a solidariedade ensinadas”. (FANTE, 200, p.93).

Fui para uma escola municipal de educação infantil, EMEI, com apenas duas salas de período parcial, e um parque arborizado com flores plantadas e bem cuidadas, tudo muito limpo e organizado, confesso que de início não gostei, pois pequenos detalhes eram observados, avaliados e se necessário corrigidos, não só pela direção, mas por toda a equipe. Depois fui percebendo que as coisas aconteciam dessa forma devido ao fato de que tudo era decidido em grupo, dividíamos nossos acertos e erros, dessa forma tudo ficava mais leve.

Assim que cheguei na escola, no primeiro dia do ano letivo, observei que a direção, que trabalhava na escola há alguns anos, havia se organizado no que se referia à parte burocrática a fim de facilitar nosso trabalho. Nos entregaram lista com o nome dos alunos, lista de material, ficha de entrevista com as famílias, para caracterização do bairro, além de organizar o tempo para que fizéssemos o projeto político pedagógico da escola e planejássemos, a semana de adaptação onde foram comprados pequenos brinquedinhos para as crianças levarem para casa junto as suas primeiras atividades escolares. O tempo de permanência na escola nessa semana também era reduzido para duas horas, um período de adaptação, o que era muito bom para as crianças não se assustarem com um longo tempo longe da mãe e para nós professores organizarmos o espaço e as aulas, para que essas fossem o mais agradável possível.

Concordo com Flávia Obino Correa Werle, quando ela diz:

“Não há uma ação de organizar uma escola previamente à situação e contexto a ser organizado. Ao contrário, tal ação se estabelece na medida em que se constroem cognitivamente, por meio de relações e ações, as conexões entre os diferentes elementos da situação – os professores disponíveis, as condições físicas do prédio, o contexto comunitário, a proposta pedagógica. Nesta perspectiva o gestor deve ser capaz de, com seus conhecimentos, estabelecer, fazer surgir pertinência e

emergir significações organizatórias na instituição educativa, de forma dinâmica e a tempo, o que envolve agir competentemente”. (WERLE, 2001, p.156).

Essa organização da equipe gestora só era possível devido ao fato de já conhecerem o contexto da comunidade escolar, a dinâmica dos profissionais além dos recursos financeiros e do espaço físico disponível.

Vou fazer um relato para mostrar como pequenos atos nos tornou uma equipe forte e com “autoridade” para nos posicionar, orientar e cobrar das famílias a postura que fosse necessária para que a escola caminhasse bem:

Em uma reunião onde todos opinaram e a maioria venceu ficou decidido que nós professores encaparíamos os cadernos, em um total de noventa e nove cadernos por professor. Todos com capa xadrez vermelha. Entendi isso como um absurdo, primeiro por não achar necessário, encapar cadernos de capa dura, segundo por acreditar que essa deveria ser uma função das famílias. Só eu não gostei da idéia, as demais adoraram, o pessoal da limpeza e cozinha como sempre faziam, se prontificaram a ajudar.

Tivemos muito trabalho, mas conseguimos, e por isso nos achamos no direito de cobrar das crianças e das famílias a boa conservação do material e na reunião de pais pedimos que eles nos ajudassem , não fazendo nem deixando as crianças fazerem anotações particulares, tirar folhas, colar adesivos, lembrando que tivemos muito carinho e trabalho para entregarmos os cadernos daquela forma e que por isso esperávamos uma boa conservação do material, pois aprender a ter responsabilidades e zelar do material escolar é um direito que a criança tem e os adultos têm o dever de ajuda-las nessa importante missão.

Essas pequenas atitudes deram segurança para posicionar-me junto às crianças explicando e exigindo organização e zelo da parte delas, pelo espaço escolar, não admitindo papéis jogados no chão, brinquedos misturados, mesas rabiscadas, sujeira nos banheiros.

Tudo era conversado e resolvido de maneira séria, esse modo de trabalhar era uma postura de toda a equipe escolar, e assim apoiados uns nos outros, com segurança. Nos posicionávamos seriamente quando as crianças falavam palavras desagradáveis em relação às pessoas como chamar o amigo ou amiga de gordo, quatro olhos (para

crianças que usam óculos) nessas situações parávamos tudo que estávamos fazendo e chamávamos as duas ou mais crianças para conversar explicando que o colega tem nome e pedindo para as crianças ofendidas se defenderem dizendo como se sentiam por serem chamada daqueles nomes ou apelidos, conversávamos e terminávamos dizendo para a criança ofendida nos procurar caso as ofensas voltassem a acontecer. Pedíamos ajuda para as famílias sempre que julgávamos necessário.

Também fazíamos um trabalho de prevenção, logo no início do ano, selecionando, inventando e contando histórias que, valorizam o respeito às diferenças.

Acredito que devido ao fato de combatermos os primeiros atos de desrespeito, as agressões físicas aconteciam muito raramente e eram encaradas como inadmissíveis por toda a equipe escolar e alunos.

Para Cleo Fante, a escola precisa ser um ambiente agradável:

“A adaptação do aluno à escola depende, fundamentalmente, do tipo de relacionamento que estabelece com os professores e com os seus iguais. Quando essas relações se estabelecem de forma adequada, proporcionam, segundo a opinião emitida pelos alunos, o que há de melhor na escola. Entretanto, quando essas relações não são adequadas, como ocorre com crianças discriminadas ou ignoradas, a escola se transforma em fonte de estresse e inadaptação, resultando em conflitos interpessoais e em diversas formas de violência, comprometendo a qualidade do ensino-aprendizagem”. (FANTE, 2005, p.190).

A meu ver, nós professores devemos fazer o possível para conseguirmos estabelecer um ambiente de cooperação, respeito e amizade entre todas as pessoas envolvidas no processo educativo. Para que a escola se torne um lugar prazeroso onde as crianças possam se sentir confortáveis, seguras e felizes.

Os projetos da escola, equipe gestora eficiente, espaço físico adequado, quantidades suficientes de profissionais, recursos financeiros disponíveis, além de constantes avaliações é de fundamental importância para a qualidade desse ambiente.

No que se refere à avaliação, PARO comenta:

“Por isso, em termos administrativos, a escola tem de ser avaliada em seu conjunto, levando em conta a avaliação como elemento imprescindível no processo de realização de objetivos. Além disso, a natureza específica de seu produto (PARO, 1986, p.135-49) exige que a avaliação seja um processo permanente que permeie todas as atividades e procedimentos no interior da escola, procurando dar conta da qualidade e adequação do desempenho de todos os envolvidos, não apenas do aluno”. (PARO, 2002 p.114).

Em síntese, enquanto ADI, aprendi a observar, procurar ajuda, aceitar sugestões e tentar aplica-las junto às crianças. Isso me trazia a sensação de estar fazendo algo para combater a agressividade das crianças pequenas. Não cheguei a ver grandes resultados ou porque as tentativas falharam ou porque é demorado esse processo, e quem colhia os bons frutos eram os professores e amigos dos anos seguintes. Fico com a segunda sugestão.

Na primeira escola que trabalhei em Campinas (CEMEI) fiz um trabalho individual e tentei de todas as formas imagináveis, dentro do conhecimento adquirido até aquele momento, combater a agressividade, a indisciplina e o desrespeito entre os alunos e esses com os profissionais que trabalhavam na escola, mas esse não é um trabalho que se faz sozinho e muitas vezes mesmo uma equipe forte não resolve, se o profissional não tiver a postura necessária, postura essa que só adquire-se com o amadurecimento pessoal e profissional e que depende de diversos fatores como: disposição para melhorar, trabalho em equipe, competência e apoio da direção e órgãos superiores, espaço físico adequado, apoio da comunidade, recursos financeiros disponíveis e até formação continuada. Acredito que a comunidade onde a escola está inserida também exerce grande influência na atuação dos profissionais, pois crianças que vivem em comunidades carentes e com alto índice de tráfico de drogas, presenciam, escutam e às vezes convivem com pessoas violentas e o que é pior, podem achar que o herói é o bandido. Tudo isso é refletido dentro da escola. A sociedade, no geral, precisa

melhorar e essa melhora será refletida na sala de aula. A escola precisa melhorar e essa melhora será refletida na sociedade. A escola e a sociedade fazendo o que lhe competem, teremos um mundo bem melhor. A cada ato de desrespeito com o próximo, temos que nos indignar, a fim de que consigamos ensinar às nossas crianças atitudes simples, como por exemplo: não sujar o banheiro da escola, pois, a encarregada pela limpeza merece todo o nosso respeito e sujar algo que nosso semelhante limpou não é legal, assim como também não devemos falar coisas que entristecem, humilham e magoam as pessoas . Lembrando sempre que somos seres humanos e por isso devemos resolver nossos conflitos conversando respeitosamente com as pessoas.

Na segunda escola que trabalhei (EMEI) encontrei tudo muito bem encaminhado e com profissionais dinâmicos, fazíamos quase tudo juntos e isso nos tornou uma equipe muito forte, que passava seriedade, fazendo com que a comunidade confiasse no nosso trabalho.

Toda equipe se envolvia na tentativa de resolver os problemas que surgiam. Os pais presenciavam o trabalho da escola e não unicamente do professor da sala de aula dos seus filhos.

A direção e a maioria dos professores conheciam a comunidade e esta também os conhecia, pois já estavam lá há algum tempo, tinham história, os professores conheciam seus futuros alunos na barriga das mães que vinham buscar os irmãos mais velhos.

Nesse ambiente mais tranquilo, com espaço físico mais bem cuidado, comunidade menos carente e recursos financeiros mais bem administrados consegui rever minha prática e aprendi a me posicionar com firmeza, pois estava segura do que estava fazendo, não me sentia sozinha, pelo contrário trabalhávamos em equipe e isso proporcionava mais certezas e isso foi passado aos alunos e à comunidade escolar.

3. CONCLUSÃO

Concluo que minha vida enquanto professora e mãe, além dos conhecimentos acadêmicos adquiridos através do hábito pela pesquisa, que foram incentivados no magistério e PROESF, juntamente com a experiência na sala de aula e na relação com as pessoas envolvidas no processo educativo, determinou minha prática até aqui.

Isso, com certeza, não será um ponto final, ainda viverei e aprenderei, mudarei e também melhorarei meus conceitos e valores nos mais diversos temas, como violência, agressividade, e relação entre as pessoas. Pois acredito que meus valores, são os mesmos dentro e fora da sala de aula e isso é passado para as crianças diariamente, então, se eu melhora enquanto pessoa, também melhora, enquanto profissional da educação.

Quanto, o cotidiano escolar e a agressividade, compreendo que um professor sem experiência profissional anterior, tem muita dificuldade de posicionar-se afim de resolver a agressividade de seus alunos em um ambiente desorganizado, sem equipe de trabalho fixa, e unida por um posicionamento único diante dos conflitos, ou seja, a equipe deve mostrar para toda a comunidade escolar a postura da escola frente a violência.

E para que isso aconteça, o professor deve ter conhecimento de quais atitudes a escola apoiará que ele tome diante de comportamentos violentos, agindo assim, com segurança diante dos alunos e familiares. E a escola por sua vez, deve ter planos de ação onde fique claro para toda comunidade escolar, que comportamentos violentos não serão tolerados.

Ao elaborar o projeto político pedagógico da escola, entre outros itens, a equipe precisa prever atividades que estimulem afetividade, solidariedade, respeito e amor entre as pessoas, pensar formas rotineiras para que a escola fique cada vez mais acolhedora proporcionando assim um ambiente tranquilo e agradável para todos os envolvidos no processo educativo, assim como elaborar projetos que envolva a comunidade, onde os pais possam conhecer o trabalho e a ideologia da escola no combate a violência, proporcionando condições para que eles sejam nossos aliados, também acredito que as formações continuadas devam ajudar os professores a

identificar o bullying e desenvolver planos de prevenção e ação para combatê-lo, protegendo assim nossas crianças, pois acredito que a violência e agressividade aumenta ou diminui dependendo de como é enfrentada diariamente, e tudo isso fica mais completo e dinâmico se tiver avaliações constantes para que a comunidade escolar possa ver onde está tudo bem e onde precisa de melhoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTORINA, José Antonio. FERREIRO, Emilia, (orgs.), PIAGET – VYGOTSKY, *novas contribuições para o debate*. 1998 p.56, São Paulo: Editora Ática.

FANTE, Cleo. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Verus Editora. 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. *Organização gestão objetivos do ensino e trabalho dos professores*. p. 297 SP: Cortez Editora, 2003.

PARO, Vitor Henrique. *Gestão democrática da escola pública*: p. 114 SP: Editora Ática, 2002.

SAVIANI, Demerval. *Escola Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política*. 33ª Ed. Campinas, SP: autores associados, 2000 – (Coleção polêmica do nosso tempo; V.5)

SEMINÉRIO, Franco Lo Presti. *O construtivismo na psicologia e na educação*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. *Novos tempos, novas designações e demandas: diretor, administrador ou gestor escolar*, *Revista brasileira de política e administração da educação*. Porto Alegre AMPAG. v. 17 nº 02 (Jul/Dez, 2001) p. 147-160.